

professores de Português sem lhes fornecer os meios necessários indispensáveis.

Para a obtenção de melhores resultados,deveria ser feita uma coordenação,a nível de Conselho Científico ou de Comissões Científicas,desta disciplina com outras,quer com as curriculares de Linguística,no plano vertical,quer com as de Literatura,no plano horizontal, onde os textos de Literatura Portuguesa III (parte medieval),por exemplo,poderiam ser seleccionados em conjunto.

Como conclusão e,em jeito de proposta,considero que esta disciplina - que deve constituir o coroamento de todo o saber linguístico relativo ao português,estando,portanto,correcto o seu lugar na fase terminal do curso - deveria tornar-se obrigatória na formação de todo o professor de Português.

São estas,pois,as breves reflexões que me mereceu o ensino da História da Língua Portuguesa,e que espero venham a ser completadas com as vossas valiosas sugestões.

REFORMULAÇÃO DE CURRICULA

JOSÉ VICTOR ADRAGÃO

Faculdade de Letras de Lisboa

Pensar em alterar os curricula de Linguística das nossas Faculdades e em adaptá-los às necessidades e aos interesses do país e dos nossos estudantes implica tomar em consideração quatro alíneas:

- a)os estudantes que temos
- b)a organização geral do curso em que estão inscritos
- c)as saídas profissionais
- d)os caminhos actuais da Linguística

Reflectindo brevemente sobre cada um destes pontos, diríamos que:

a) A actual estrutura dos programas do ensino secundário (que relegam para plano inferior a reflexão sobre a língua e dão prioridade à análise, entenda-se interpretação e pouco mais, de textos literários) obriga a que as cadeiras propedêuticas da Faculdade sejam também supletivas, fornecedoras de conhecimentos básicos que, muitas vezes, desde o 8º ano de escolaridade não são trabalhados. A isto acresce-se a incorrecta definição do "numerus clausus" que nos traz, ao lado dos bons alunos, claramente vocacionados para as letras, uma série de estudantes muito fracos que auto-eliminaram as opções implicando boas médias no acesso e que apenas conseguiram entrar numa Faculdade de Letras. Esta situação é algo corrigida nas Universidades de Aveiro, Minho, Évora e Açores cuja entrada é mais selectiva.

b) Também no que respeita à organização curricular dos cursos se vivem experiências diferentes nas novas e nas velhas Universidades. Reflectiremos apenas sobre as velhas, uma vez que as outras estão experimentando novos programas.

Em cursos de 20 cadeiras, distribuídas muitas vezes por duas línguas, duas linguísticas e duas literaturas, dificilmente se podem inserir grandes alterações no equilíbrio existente. Mas não podemos deixar de chamar a atenção para o aberrante que é haver 4 ou 5 cadeiras de Linguística (ou mais se incluirmos as opções) nas variantes que incluem língua portuguesa e apenas 3, na melhor das hipóteses, nas que não têm esta língua.

Por outro lado, se quisermos para os nossos alunos um ensino articulado e complementar, há que tomar em particular atenção a interdisciplinaridade Linguística-literatura e o progresso na aprendizagem de uma ou de outra destas áreas.

c) O mercado actual de trabalho faz que mais de 80% dos nossos alunos se destinem ao ensino (ainda que as velhas Universidades não assumam formalmente esta vocação de escolas de formação de profes-

sores). Independentemente da importância, já aqui explicitada, de uma licenciatura em Linguística, há que, enquanto esperamos a sempre discutida e adiada reforma das Faculdades, adaptar os nossos programas e organização curricular a esta situação concreta que se vive em Portugal. Recordemos aqui os dados do inquérito a que anteriormente me referi e a consciência que os nossos alunos têm de não receber na Faculdade os instrumentos mínimos para a sua actividade profissional.

Paralelamente às correcções que poderemos introduzir, torna-se necessário, mais uma vez, denunciar a estrutura do 1º grupo de disciplinas no ensino básico que permite o ensino de Português a licenciados em História, Ciências Sociais, etc., sem a mínima formação em Linguística ou Literatura.

d) Uma ciência como a Linguística cuja evolução os nossos olhos têm visto tem de encontrar uma expressão dinâmica no ensino que fazemos e não se confinar a etiquetas estabelecidas de uma vez por todas. O mesmo critério que, há anos, introduziu cadeiras como Fonética e Morfologia, Sintaxe e Semântica, talvez introduzisse hoje Pragmática, Teoria do Texto ou Linguística Aplicada. O problema não está em substituir umas por outras nem em acrescentar matérias novas em programas já sobrecarregados mas em encontrar processos flexíveis que permitam ir dando conta dos progressos da Ciência e fornecer aos estudantes instrumentos novos, provavelmente de grande utilidade no exercício da sua profissão. E já não falamos das cadeiras ditas afins, como a Sociolinguística e a Psicolinguística, que, apesar da sua reconhecida importância, nunca tiveram direito de cidadania dentro dos nossos currícula.

Depois desta reflexão, que se quis curta e que foi necessariamente muito incompleta, passemos em revista as cadeiras existentes nos actuais planos de estudos e tentemos algumas propostas (em muitos casos algumas interrogações) que deixamos à vossa consideração para debate aberto:

Reflectindo brevemente sobre cada um destes pontos, diríamos que:

a) A actual estrutura dos programas do ensino secundário (que relegam para plano inferior a reflexão sobre a língua e dão prioridade à análise, entenda-se interpretação e pouco mais, de textos literários) obriga a que as cadeiras propedêuticas da Faculdade sejam também supletivas, fornecedoras de conhecimentos básicos que, muitas vezes, desde o 8º ano de escolaridade não são trabalhados. A isto acresce-se a incorrecta definição do "numerus clausus" que nos traz, ao lado dos bons alunos, claramente vocacionados para as letras, uma série de estudantes muito fracos que auto-eliminaram as opções implicando boas médias no acesso e que apenas conseguiram entrar numa Faculdade de Letras. Esta situação é algo corrigida nas Universidades de Aveiro, Minho, Évora e Açores cuja entrada é mais selectiva.

b) Também no que respeita à organização curricular dos cursos se vivem experiências diferentes nas novas e nas velhas Universidades. Reflectiremos apenas sobre as velhas, uma vez que as outras estão experimentando novos programas.

Em cursos de 20 cadeiras, distribuídas muitas vezes por duas línguas, duas linguísticas e duas literaturas, dificilmente se podem inserir grandes alterações no equilíbrio existente. Mas não podemos deixar de chamar a atenção para o aberrante que é haver 4 ou 5 cadeiras de Linguística (ou mais se incluirmos as opções) nas variantes que incluem língua portuguesa e apenas 3, na melhor das hipóteses, nas que não têm esta língua.

Por outro lado, se quisermos para os nossos alunos um ensino articulado e complementar, há que tomar em particular atenção a interdisciplinaridade Linguística-literatura e o progresso na aprendizagem de uma ou de outra destas áreas.

c) O mercado actual de trabalho faz que mais de 80% dos nossos alunos se destinem ao ensino (ainda que as velhas Universidades não assumam formalmente esta vocação de escolas de formação de profes-

sores). Independentemente da importância, já aqui explicitada, de uma licenciatura em Linguística, há que, enquanto esperamos a sempre discutida e adiada reforma das Faculdades, adaptar os nossos programas e organização curricular a esta situação concreta que se vive em Portugal. Recordemos aqui os dados do inquérito a que anteriormente me referi e a consciência que os nossos alunos têm de não receber na Faculdade os instrumentos mínimos para a sua actividade profissional.

Paralelamente às correcções que poderemos introduzir, torna-se necessário, mais uma vez, denunciar a estrutura do 1º grupo de disciplinas no ensino básico que permite o ensino de Português a licenciados em História, Ciências Sociais, etc., sem a mínima formação em Linguística ou Literatura.

d) Uma ciência como a Linguística cuja evolução os nossos olhos têm visto tem de encontrar uma expressão dinâmica no ensino que fazemos e não se confinar a etiquetas estabelecidas de uma vez por todas. O mesmo critério que, há anos, introduziu cadeiras como Fonética e Morfologia, Sintaxe e Semântica, talvez introduzisse hoje Pragmática, Teoria do Texto ou Linguística Aplicada. O problema não está em substituir umas por outras nem em acrescentar matérias novas em programas já sobrecarregados mas em encontrar processos flexíveis que permitam ir dando conta dos progressos da Ciência e fornecer aos estudantes instrumentos novos, provavelmente de grande utilidade no exercício da sua profissão. E já não falamos das cadeiras ditas afins, como a Sociolinguística e a Psicolinguística, que, apesar da sua reconhecida importância, nunca tiveram direito de cidadania dentro dos nossos curricula.

Depois desta reflexão, que se quis curta e que foi necessariamente muito incompleta, passemos em revista as cadeiras existentes nos actuais planos de estudos e tentemos algumas propostas (em muitos casos algumas interrogações) que deixamos à vossa consideração para debate aberto:

desdobradas, havendo docentes específicos para a componente linguística. Mais do que propor uma reestruturação desta cadeira, apetece perguntar se um ano com duas horas por semana chega para dar a linguística de uma língua. Se não, que alternativas se podem propôr?

6- Um espaço de ensino da Linguística que não está a ser convenientemente explorado é o das cadeiras de opção. Elas podem ser encaradas segundo duas perspectivas - como abertura aos estudantes das áreas de Linguística que os currículos demasiado estreitos deixam sempre de fora, e como possibilidade para os docentes de desenvolverem pedagogicamente os campos em que exercem a sua investigação. Naturalmente que só haverá cadeiras de opção se formos capazes de aliciar os estudantes a nelas se inscreverem. Isto passa por uma boa política de divulgação das cadeiras e do seu interesse, mas também por um renovado e atraente exercício de actividade pedagógica por parte dos docentes.

E aqui temos de aflorar um ponto que, embora se ligue à reformulação de conteúdos, a ultrapassa em muito: a pedagogia no ensino universitário. Também aqui haveria certamente propostas a fazer: já vai longe em que ensinava bem quem sabia muito e tinha boa vontade. Hoje há técnicas pedagógicas que todos dominam ou pretendem dominar e que os docentes do ensino superior teimam em ignorar e menosprezar. Talvez houvesse necessidade de abrir outra mesa redonda sobre "Como ensinar a Linguística?".

Temos consciência de que muito mais haverá a dizer sobre estes temas. Não pretendemos ter a última palavra mas apenas abrir a discussão sobre um assunto que é de todos nós.